

Adalberto da Silva  
Retto Júnior

# *a* NOTAÇÕES ACERCA DO LEGADO DO ARQUITETO ITALIANO VITTORIO GREGOTTI: HISTÓRIA, CONTEXTO E PROJETO<sup>1</sup>

pós- | 1

## RESUMO

Na distância de quase 40 anos, o discurso do arquiteto italiano Vittorio Gregotti ainda parece muito atual. Seu texto “O Território da Arquitetura” (1966) é precursor de vários estudos e antecipou muitos temas que seguem em discussão, em especial a mudança da escala do objeto para a escala geográfica do território, o que representa uma evolução coerente em questões acerca de valores ambientais, além de uma série de projetos, que consubstanciaram uma alternativa possível em teoria e prática do utopismo megaestrutural e planejamento territorial. As reflexões adensaram-se em relação à complexidade ambiental, à escala de intervenção e sua relação com a paisagem, bem como a relação entre tipologia de edifícios e morfologia urbana. Gregotti, portanto, expandiu o campo de atuação da arquitetura, abordando o tema da relação desta com a paisagem, como geografia e história. Para ele, os pontos de interesse são o território e a cidade, sua morfologia e as razões de sua formação na história.

## PALAVRAS-CHAVE

Vittorio Gregotti. Arquitetura. História e teoria. Cidade contemporânea. Projeto urbano.



[HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2020.168065](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2020.168065)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 27, n. 50, e168065, 2020.

NOTES ON THE LEGACY OF  
ITALIAN ARCHITECT VITTORIO  
GREGOTTI: HISTORY, CONTEXT  
AND DESIGN

ABSTRACT

Italian architect Vittorio Gregotti's narrative still seems quite current although it was stated 40 years ago. His text "Inside Architecture" [Il territorio dell' architettura] (1966) foreshadowed numerous studies and anticipated various topics, many of them are still in progress, especially the change-of-scale topic – from the object to the territory geographic scale. This represents a coherent evolution of the issues on environmental values, besides a series of designs which consolidated a possible alternative in theory and practice of megastructural utopism and land planning. However, it was only after Gregotti's "Inside Architecture" that a number of reflections started to become deeper with reference to the environmental complexity, the scale of intervention and its relationship to the landscape, as well as the relationship between buildings typology and urban morphology. Hence, Gregotti expanded architecture's field of action, addressing the theme of its relationship with the landscape, as geography and history. For him, the points of interest are the territory and the city, its morphology and the reasons for its formation in history.

KEYWORDS

Vittorio Gregotti. Architecture. History and theory. Contemporary city. Urban design.

## INTRODUÇÃO

Após noticiada a morte de Vittorio Gregotti (1927–2020), um dos maiores arquitetos do século XX, vitimado pelo vírus covid-19, a força da imaginação foi capaz de reconstruir o cenário ambíguo da cidade lagunar de Thomas Mann, depois de mais de um século do lançamento de seu livro *Morte em Veneza*, em 1912. Seguir a trajetória de seus escritos e obras, as pegadas dos caminhos por ele percorridos, constitui uma aula magna do fazer do arquiteto.

Massimo Cacciari assim define Gregotti:

*Vittorio: de re aedificatoria. Alberti, Palladio em seus passos. A arquitetura é válida se for techne, primeira entre as técnicas, mas técnica. E técnica é função. E para funcionar é necessário conhecer o mundo em que se atua, para ser um participante. Tomar parte, ou seja, assumir sua própria parte e permanecer fiel, coerente, sempre, apesar de tudo. Vittorio: o moderno. Não modernismo, nem estilo, nem moda, não estar no tempo. Talvez antecipá-lo. Sim, moderno também é um desejo de ser vanguarda. Mas não o vanguardismo. Não ideologias. Ideias. E isso é projeto. Projeto de arquitetura? É claro, mas dominado por uma intenção fundamental: saber como mudar o ambiente, saber responder às suas perguntas através de sua linguagem específica<sup>2</sup>. (CACCIARI, 2020, p. 17, tradução do autor).*

pós- | 3

Na distância de quase 40 anos, o discurso de Gregotti ainda parece muito atual, apesar de ter sido em parte superado pelas tecnologias e ferramentas de levantamentos, pelo discurso sobre ecologia, pelos regulamentos e técnicas de urbanismo e de planejamento urbano que se desenvolveram nesse meio tempo. Seu texto “O Território da Arquitetura” (1966)<sup>3</sup> é precursor de vários estudos e antecipou muitos temas, ainda parcialmente em andamento. Em especial, a mudança da escala do objeto para a escala geográfica do território, o que representa uma evolução coerente das questões colocadas sobre valores ambientais, além de uma série de projetos de Milão à China, que consubstanciaram uma alternativa possível em teoria e prática do utopismo megaestrutural e planejamento territorial.

O título deste ensaio/homenagem contém, em sua formulação, três conceitos importantes que nos remetem à gênese de sua contribuição como arquiteto e como professor.

A relação entre história, contexto e projeto tornou-se um tópico de reflexão a partir do momento em que as teorias do Movimento Moderno e a concepção do projeto funcionalista, baseadas em critérios dedutivos, foram questionadas no pós-guerra pelo grupo conhecido como Team X. Os debates realizados por ocasião dos últimos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Ciam) desde *Il cuore della città*, do qual Gregotti participou (TAFURI, 1982, p. 7), Aix-en-Provence (1953) e Dubrovnik (1956), concentraram-se na complexa relação estabelecida entre o indivíduo e seu ambiente construído, bem como na necessidade de identidade com o último.

É importante frisar que em 1966, além do referido livro, foram publicados *L'architettura della citta'* de Aldo Rossi (1966) e *Complexity and Contradiction in Architecture* de Robert Venturi (1966). Os três volumes abordam o problema do *status* da arquitetura em relação a: 1) o conflito entre o papel estrutural do arquiteto-intelectual e os resultados, muitas vezes contraditórios, de seu trabalho, sempre em conexão com a experiência artística, ciência e tecnologia; 2) as modalidades da relação entre objeto arquitetônico e seu entorno (em particular com a cidade), com aberturas disciplinares para a semiologia, o estruturalismo e a geografia histórica que levam a questão da forma ao cerne da reflexão ( morfologia e tipologia), sobre o significado e imagem na arquitetura; 3) a questão da linguagem e o papel da história, ou da cultura disciplinar anterior em relação à operação projetual.

No entanto, somente a partir do texto de *Il territorio dell'architettura* (GREGOTTI, 1966) é que uma série de reflexões começou a assumir densidade em relação à complexidade ambiental, à escala de intervenção e sua relação com a paisagem, bem como a relação entre tipologia dos edifícios e a morfologia urbana. Gregotti, portanto, expandiu o campo de atuação da arquitetura, abordando o tema da relação desta com a paisagem, como geografia e história. Para ele, os pontos de interesse são o território e a cidade, sua morfologia e as razões de sua formação na história.

Nos anos de 1980, Gregotti situou o princípio do projeto como uma Modificação Crítica no centro da reflexão da Revista Casabella, então sob sua direção, com claro objetivo de tornar o aspecto físico territorial e urbano como o material mais relevante do projeto.

Ao aceitar o ambiente construído como vínculo fundamental do ato projetual do novo objeto, ele reconhece-o como primeiro postulado da temática sobre contexto. Um vínculo que é reconhecido em vários níveis, do histórico, ao físico e ao existencial, mas, sobretudo um vínculo que não apenas conecta o projeto a uma determinada situação, mas que concebe a criatividade do arquiteto no âmbito das sugestões que nascem do próprio lugar.

Todavia, mesmo que o diálogo projetual com os sistemas contextuais comece com o reconhecimento da existência do outro, contido no tecido urbano na sua complexidade, nem por isso ele deve ser automaticamente legitimado pela ação projetual. De fato, segundo Gregotti, o diálogo projetual não tem nada a ver com assimilação e conciliação nem, obviamente, a construção do projeto pode ser deduzida das condições diretas do contexto. Pelo contrário, desse ponto de vista, o projeto se apresenta como uma leitura para a constituição da distância crítica que nos separa do contexto: o modo arquitetônico de ser dessa distância demonstra a qualidade do projeto arquitetônico em reconhecer o valor do existente, como história e tradição de identidades diferenciadas.

Como explicitado por Sebastiano Brandolini e Pierre-Alain Croset (1984), este é o pressuposto para várias abordagens, que ressaltam o fato de que existem várias técnicas de intervenção contextuais,

*Que operam por conexões e por articulações em torno do existente, densificando essencialmente o que de qualquer forma está disperso e desarticulado; técnicas que trabalham para consolidar o espaço urbano, internalizando-o e tornando visíveis suas hierarquias; técnicas que*

*trabalham pela continuidade tipológica e que reproduzem as densidades do existente; técnicas que se refazem a partir de uma leitura epistemológica do contexto, apoiando-se nas suas formas e nas suas estratificações e nos fragmentos de cidades. [...] No caso de operar por conexões e articulações, a interpretação do lugar se apoia em sua fisicalidade, na sua organização, e a uma condição do presente; no caso de operar através da leitura do contexto, a interpretação do lugar se apoia em sua história e cultura, e em seus significados mais profundamente enraizados<sup>4</sup>. (BRANDOLINI; CROSSET, 1984, p. 42-43, tradução do autor).*

Nesse sentido, o ambiente construído (a cidade, o contexto em geral) apresenta-se aos arquitetos como estratificação e acumulação de materiais que exigem uma leitura prévia às escolhas de projeto. Não se trata de uma visão determinística, na qual o preexistente prevê o novo e deixa completamente ausente a capacidade inventiva do arquiteto. Pelo contrário, a nova arquitetura que intervém no contexto preexistente têm a possibilidade de alterar seu significado. Essa é a ideia central do projeto como distância crítica do contexto e representa, portanto, elemento-chave da sua teoria da modificação.

pós- | 5

## SOBRE O PAPEL DA HISTÓRIA

Na terceira parte da obra *Il territorio dell'architettura* (1966), Vittorio Gregotti trata a história da arquitetura e de seus materiais, não como consequência da sedimentação contínua daquilo que deriva da relação com o passado, mas daquilo que é considerado pela tradição como elemento fundamental. Afinal, segundo ele, a arquitetura é um documento para outras disciplinas, capaz de atuar como testemunha de eventos históricos ao longo do tempo.

*A historicidade da arquitetura não apenas como consciência de seu passado, isto é, da relação entre projeto e tradição da arquitetura, mas antes de tudo, considerar a arquitetura em si como uma questão histórica. [...] A arquitetura é matéria da história como um documento para outras disciplinas e também como produção assumiu a tarefa de testemunhar o evento histórico<sup>5</sup>. (GREGOTTI, 2014/1966, p. 114, tradução do autor).*

Para projetar é necessário, portanto, um conhecimento dos sinais nos quais o próprio projeto se baseia: geográfico, espacial e cultural; o encontro entre esses signos determina a escolha, e o projeto, então, constitui parte dessa sedimentação histórica. Segundo Gregotti (2014/1966), o horizonte histórico pode ser entendido em três esquemas de julgamento diferentes: *o poético*, que consiste na relação entre os elementos linguísticos e os significantes; *o das intenções dos projetistas*, “que tendem a explicar e a definir o processo e a atividade antes e fora das próprias obras”<sup>6</sup> (GREGOTTI, 2014/1966, p. 120, tradução do autor) em termos de racionalidade; e *o estético*, que recoloca os princípios gerais identificados na base da prática da arquitetura dentro de uma interpretação mais ampla do mundo.

Gregotti movimenta-se essencialmente no segundo nível, tentando seguir a “*evolução histórica dos dois conceitos, os nexos com o pensamento que os gerou e desenvolveu, as relações dialéticas com outros sistemas organizacionais da leitura artística e [...] com outras disciplinas*”<sup>7</sup> (GREGOTTI, 2014/1966, p. 121, tradução do autor). Assim, a história se apresenta como “*uma tomada*

*de consciência, um terreno que devemos atravessar para alcançar a estrutura das coisas, para chegar a tocá-las, mas que é preciso deixar para trás no momento de transformação das próprias coisas”*<sup>8</sup> (GREGOTTI, 2014/1966, p. 132, tradução do autor). Segundo Gregotti (2014/1966, p. 133, tradução do autor), portanto, a história se apresenta como um curioso instrumento cujo conhecimento parece indispensável mas, uma vez absorvido, não é diretamente utilizável: “*uma espécie de corredor pelo qual temos de passar para chegar a algum lugar, mas que não nos ensina nada sobre a arte de caminhar*”.

Todavia,

*se nós nos propomos a projetar uma cadeira, uma escola, uma cidade ou um conjunto territorial, seja o que for, nós nos confrontamos – inevitavelmente – com a história [...], vamos situar o novo objeto em um contexto que abriga todas as camadas de história da forma em que esse contexto nos aparece no momento da ação*<sup>9</sup>. (GREGOTTI, 2014/1966, p. 115).

Cinquenta anos depois, na introdução da nova edição de 2014, Gregotti (2014/1966, p. II), afirma que suas ideias propostas sobre a relação entre história e projeto ainda o permitem de pensar a ideia do projeto como experiência.

Por isso, na introdução da obra *Architettura e postmetropoli* (2011), Gregotti considera a história como um “terreno do projeto”, terreno sobre o qual se pode construir a arquitetura das nossas cidades, terreno que “*nos sustenta e nos deixa livres na direção que quisermos e na responsabilidade que advém dessa escolha*”<sup>10</sup> (GREGOTTI, 2011, p. 14, tradução do autor).

Alguns anos mais tarde, consideração similar foi feita pelo arquiteto na obra *Il possibile necessario* (2014). No terceiro capítulo, Gregotti considera inevitável o conhecimento “*do terreno da história sobre o qual se vai construir (conhecimento que, porém) nos deixa livres com relação à direção a tomar*”<sup>11</sup> (GREGOTTI, 2014, p. 93, tradução do autor).

Finalmente, segundo Vittorio Gregotti (2017, informação verbal, tradução do autor), a “*análise histórica é interessante para observar a mudança. Devemos ler a mudança e, a partir dessa leitura, deduzir um julgamento positivo ou negativo sobre os diferentes elementos; quais são os riscos e quais são as possibilidades*”<sup>12</sup>.

## SOBRE PROJETO E PLANIFICAÇÃO

Nos livros e textos (como *Il territorio dell'architettura*, 1966; *La citta' visibile: frammenti di disegno della citta' ordinati e catalogati secondo i principi dell'architettura della modificazione contestuale*, 1991; *L'architettura del realismo critico*, 2004; *Architettura e postmetropoli*, 2011; e *Il possibile necessario*, 2014), a atenção ao contexto, como base para que a ação projetual encontre sentido e razão assume uma nuance histórico-geográfica e morfológico-física. O projeto se apresenta como “*lettura e costituzione della distanza critica che ci si separa dal contesto: il modo di essere architettonico di tale distanza e' la qualita' del progetto di architettura. [...] Tale qualita' e' quindi la forma del nuovo contesto, cioe' il modo di essere di un nuovo dialogo*”<sup>13</sup> (GREGOTTI, 2014, p. 102, tradução do autor).

A investigação territorial deve ser entendida, portanto, como uma descrição das maneiras pelas quais uma sucessão de eventos e processos históricos deixou formas e sinais sobrepostos e sedimentados em todos os lugares. Cada local é definido não apenas pelas suas características específicas que são detectadas, mas também pela rede de relações espaciais às quais ele pertence, rede que pode influenciar sua transformação ao longo do tempo.

A “forma do território” depende das redes de relações entre lugares múltiplos e interdependentes, com identidades específicas e diferenciadas. Pode evoluir ao longo do tempo de acordo com as escolhas e ações dos atores mais relevantes do contexto (não só projetos arquitetônicos ou planos urbanísticos).

*Segundo Gregotti, o projeto deve interpretar a forma do território’ e o ‘sentido do lugar’ para identificar criticamente as possibilidades de modificação, avaliar contextualmente seu significado e valor, escolher e implementar algumas hipóteses de mudança, estabelecendo novas e mais significativas relações entre preexistências e figuras. (PALERMO, 2004, p. 247, tradução do autor).*

Sua extensa experiência em planejamento nas décadas de 1980, 1990 e 2000 demonstram coerência e persistência de seus princípios explicitados na sua obra teórica<sup>14</sup>, segundo se pode acompanhar.

O planejamento territorial é

*Uma estrutura intrinsecamente contraditória do pensamento: por um lado, apresenta-se como controle do futuro, reordenação e reorganização em função de um desenvolvimento; um esforço para planejar a previsão; por outro, como hipótese, predição, distanciamento do presente, escolha e interpretação particular do interesse coletivo. Frequentemente, nesses tempos de mudanças ativas e desordenadas, teoricamente abertas a qualquer iniciativa, modelada no comportamento do mercado e da comunicação, o conceito de programação se opõe ao conceito de oportunidade flexível; a fraca autoridade das regras coletivas e de sua moral, bem como dos grandes horizontes ideais, tornaria precário o aspecto preditivo do plano. Por outro lado, as qualidades duradouras (física e morfológicamente) dos efeitos físicos de um plano parecem escorregar nas próprias razões de sua constituição para construir identidades e referências capazes de assumir novos significados para o futuro plano<sup>15</sup>. (GREGOTTI, 1994, p. 98-99, tradução do autor).*

No *Il territorio dell’architettura* de 1966, surge um conceito:

*é possível descrever dois modelos fundamentais para colocar o planner como especialista no âmbito do contexto do planejamento territorial, uma vez que determinados objetivos ou questões gerais foram definidos no nível político: um primeiro modelo apresenta o planner como aquele que toma as decisões das várias disciplinas envolvidas no planejamento e transforma esses resultados em um plano de localização física; um segundo modelo envolve a colaboração do planner-designer no mesmo nível das demais contribuições de especialistas, atribuindo suas próprias conclusões para oferecer à estrutura interdisciplinar que emerge por sucessivas aproximações e verificações subsequentes por cada especialista de todo conjunto do material<sup>16</sup>. (GREGOTTI, 2014, p. 80 tradução do autor).*

Quinze anos mais tarde, no *Architettura e postmetropoli*, Gregotti (2011, p. 13) considera o planejamento essencialmente um “*processo político di decisioni*” a partir do conhecimento da questão urbana, da sua capacidade de modificação e das reformas possíveis de interesse coletivo.

Em 2014, foi publicada a segunda edição de *Il territorio dell'architettura* com uma nova introdução de Vittorio Gregotti, na qual o autor reafirma que “*Il pensiero pianificatorio dal 1966 a oggi non e` mutato*” (GREGOTTI, 2014/1966, p. 57). O arquiteto de Novara reconhece ainda validade nas suas teorias propostas no desenho “*a grande scala*” (GREGOTTI, 2014/1966, p. 98, tradução do autor).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as muitas sugestões que o livro *Morte em Veneza* oferece, o que aproxima os dois personagens é o conflito entre arte e vida, entre contexto e modificação, entre história e reinvenção da realidade. Sempre sensível ao problema do papel do arquiteto na sociedade, Vittorio Gregotti levou a representação dessas condições particulares a consequências extremas, e às vezes paroxísticas, como Gustav Aschenbach, protagonista do filme de mesmo nome, dirigido por Luchino Visconti e lançado em 1971.

Ao citar *Il Territorio dell'architettura* em seu livro *Vittorio Gregotti. Progetti e architettura*, Manfredo Tafuri escreve: “*o tema do diálogo entre geografia e signo arquitetônico desaparece*” e imprime “*um salto de escala, que envolve toda uma metodologia de projeção e as poéticas subjacentes*”<sup>17</sup> (TAFURI, 1982, p. 14-15).

*Gregotti derrama na escala geográfica sua difícil relação com a história. A modernidade [...] advém de ‘uma revisão radical do tempo histórico’, na qual os ‘fenômenos se achatam em uma concretude formal no qual é preciso trabalhar por escavação, aninhando-se para perfurar a espessa camada de coisas e eventos em direção a uma nova condição de conhecimento’. [...] Isso significa ler o território [...] ‘como uma estrutura arqueológica, que não exige, portanto, nem restauração nem complemento’*<sup>18</sup>. (TAFURI, 1986, p. 210, tradução do autor).

Para Tafuri (1986, p. 210), Vittorio Gregotti é “*entre os poucos habilitados para responder aos problemas colocados por novas questões emergentes da cidades e territórios em transformações*”<sup>19</sup>; a amplitude de Gregotti ao enfrentar a dimensão territorial lhe permite “*reinventar o papel disciplinar em grau de competir com a complexidade das novas demandas*”<sup>20</sup>.

Tafuri continua afirmando que a “*necessidade de controlar a grande escala com organismos unitários com alto grau de legitimidade, que caracterizaram os projetos para a Universidade de Cosenza e para o distrito Zen*”<sup>21</sup> (TAFURI, 1986, p. 210, tradução do autor) qualifica algumas propostas de grande sabedoria compositiva elaboradas nos anos mais recentes como os projetos para San Marino (1981), o núcleo habitacional Sestiere di Cannaregio em Veneza, para as habitações no Tiergarten em Berlim Lest (1980), para o grande complexo residencial em Módena, para a área Garibaldi-Cadorna em Milão e para o anel olímpico de Barcelona (1983).

Gregotti demonstra que os temas relativos às áreas de permanência no tecido urbano, a 'costura', o diálogo com o contexto, podem encontrar soluções hipotéticas na organização da forma que remonta "*à grande composição urbana*", sem deixar de lado espaços de forma arbitrária (TAFURI, 1986, p. 210-211, tradução do autor)<sup>22</sup>.

Todavia, não faltam críticas severas a Gregotti na obra *Storia dell'architettura italiana. 1944-1985*, de Manfredo Tafuri. (1986). Nas palavras de Tafuri (1986, p. 211), "*muitos projetos, talvez, saem do Studio Gregotti & Associati; é de se perguntar se não seria melhor empenhar uma inteligência arquitetônica concentrada em apenas uma grande responsabilidade, com garantias de realização concreta no médio prazo*"<sup>23</sup>.

Dessa forma, o contexto espacial do romance de Thomas Mann, assim como o do arquiteto ao projetar na cidade onde foi professor desde 1978 (Università luav di Venezia), é complementamente reinventado, através de elementos (soluções, formas, materiais), sem necessariamente se apoiar no conceito de "contextualismo", mas explorando condições de "integração" e de "modificação" operados por um arquiteto que tinha plena consciência de que ao projetar um edifício construía cidade.

No caso do cenário de Thomas Mann, as águas estagnadas e apodrecidas da lagoa, o sufocante *siroco* (vento quente que vem do Norte da África em direção ao Mediterrâneo), o ar fétido e doentio das ruas cada vez mais abandonadas, pareciam materializar uma situação espiritual indefinível, lânguida e negligente ao mesmo tempo, onde doença e morte não são apenas o capítulo conclusivo de um itinerário espiritual singular, mas também formam uma união inevitável com a beleza.

No conjunto arquitetônico do Sestiere di Cannareggio, a sabedoria compositiva de Gregotti é mesclada a nuances de variações temáticas em uma riqueza de contrapontos que exploram texturas densas e evocativas de referências simbólicas do tecido lagunar, que se estendem de um extremo ao outro e que permitem superar a polaridade rígida e abstrata entre ciência urbana e utopia.

#### OBRAS SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL DE VITTORIO GREGOTTI E GREGOTTI & ASSOCIATI:

BIRAGHI, Marco; MICHELI, Silva, *Storia dell'architettura italiana 1985-2015*. Torino: Einaudi, 2013.

CAGNARDI, Augusto; CERRI, Pierluigi; GREGOTTI, Vittorio. *Gregotti Associati: 1973-1988*. Milano: Electa, 1990.

COPPA, Alessandra(ed.). *Vittorio Gregotti*. Milano: Motta Architettura, 2008.

CROTTI, Sergio. (ed.). *Vittorio Gregotti*. Bologna: Zanichelli, 1986.

MORPUGNO, Guido. *Gregotti Associati: 1953-2003*. Milano: Rizzoli-Skira, 2004.

PALERMO, Pier Carlo. *Trasformazioni e governo del territorio: Introduzione critica*. Milano: Franco Angeli, 2004.

pós- | 6

PIPPIONE, Marco Francesco. *Temi e confini di un progetto culturale: Casabella 1982-1996*. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Progettazione edilizia) – Instituto Politecnico di Torino, Torino, 2015.

RYKWERT, Joseph. *Gregotti Associati*. Milano: Rizzoli, 1998.

TAFURI, Manfredo. *Vittorio Gregotti: progetti e architetture*. Milano: Electa, 1982.

TAFURI, Manfredo. *Storia dell'architettura italiana: 1944-1985*. Torino: Einaudi, 1986.

### PRODUÇÃO TEÓRICA DE VITTORIO GREGOTTI POR ORDEM DE PUBLICAÇÃO:

*Il territorio dell'architettura*. Milano: Feltrinelli, 1966.

*L'art nouveau*. Milano: Fabbri, 1967.

*L'architettura tedesca dal 1900 al 1930*. Milano: Fabbri, 1967.

*Orientamenti nuovi nell'architettura italiana*. Milano: Electa, 1969.

*Il disegno del prodotto industriale: Italia 1860-1980*. Milano: Electa, 1982.

*Questioni di architettura: editoriali di "Casabella"*. Torino: Einaudi, 1986.

*Cinque dialoghi necessari*. Milano: Electa, 1990.

*Dentro l'architettura*. Torino: Bollati Boringhieri, 1991.

*La città visibile: frammenti di disegno della città ordinati e catalogati secondo i principi dell'architettura della modificazione contestuale*. Torino: Einaudi, 1993.

*Le scarpe di Van Gogh: modificazioni nell'architettura*. Torino: Einaudi, 1994.

*Recinto di fabbrica*. Torino: Bollati Boringhieri, 1996.

*Vittorio Gregotti: racconti di architettura*. Milano: Skira, 1998.

*L'identità dell'architettura europea e la sua crisi*. Torino: Einaudi, 1999.

*Diciassette lettere sull'architettura*. Bari-Roma: Laterza, 2000

*Sulle orme di Palladio: ragioni e pratica dell'architettura*. Bari-Roma: Laterza, 2000

*Architettura, tecnica, finalità*. Bari-Roma: Laterza, 2002

*L'architettura del realismo critico*. Bari-Roma: Laterza, 2004

*Autobiografia del 20. Secolo*. Milano: Skira, 2005

*L'architettura nell'epoca dell'incessante*. Bari-Roma: Laterza, 2006

*Contro la fine dell'architettura*. Torino: Einaudi, 2008

*L'ultimo hutong: lavorare in architettura nella nuova Cina*. Milano: Skira, 2009

*Tre forme di architettura mancata*. Torino: Einaudi, 2010

*L'architettura di Cézanne*. Milano: Skira, 2011.

*Architettura e postmetropoli*. Torino: Einaudi, 2011.

*Incertezze e simulazioni: architettura tra moderno e contemporaneo*. Milano: Skira, 2012.

*La città pubblica*. Pordenone: Giavedoni, 2012

*Il sublime al tempo del contemporaneo*. Torino: Einaudi, 2013.

*Viaggio nell'idea di bellezza*. Roma: Arel, 2014.

*Il possibile necessario*. Milano: Bompiani, 2014.

*Il disegno come strumento del progetto*. Milano: Marinotti, 2014.

*96 ragioni critiche del progetto*. Milano: BUR Rizzoli, 2014.

*Lezioni veneziane*. Milano: Skira, 2016.

## NOTAS

pós- | I I

<sup>1</sup> O texto baseia-se em anotações feitas em aulas sobre o arquiteto Vittorio Gregotti, palestras ministradas por ele e visitas a muitas de suas obras, durante o doutorado sanduíche na Università Iuav di Venezia, como doutorando da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Leme, e com bolsa financiada pelo Conselho Nacional Bolsista do CNPq. Agradeço a Renato Anelli, Abilio Guerra, Maria Stella Bresciani, Heliana Angotti-Salgueiro, Ana Luiza Martins e Anita Di Marco, pela leitura e sugestões.

<sup>2</sup> No original: “*Vittorio: de re aedificatorie. Alberti, Palladio sulle loro orme. L'architettura vale se è techne, prima tra le techiche, ma Tecnica. E tecnica è funzione. E per funzionare occorre sapere il mondo in cui si opera, esserne in tutto partecipi. Predervi parte, e cioè assumere in esse la propria parte, e restarvi fedele, coerente, sempre, nonostante tutto.* Vittorio: *il moderno. Non modernismo, non stile, non moda, non stare ai tempi. Magari anteciparli. Sì, moderno è anche volontà di essere avanguardia. Ma non vanguardismo. Non ideologie. Idee. E cioè progetti. Progetti di architettura? Certo, ma dominati da una intenzione fondamentale: saper modificare il proprio ambiente, saper rispondere alle sue domande attraverso il proprio specifico linguaggio*”.

<sup>3</sup> O livro foi traduzido para português em 1975 com o título *Território da arquitetura* pela editora Perspectiva.

<sup>4</sup> No original: “*che operano per connessioni e per articolazioni attorno all'esistente, essenzialmente densificando quello che è altrimenti sparso e disgiunto; tecniche che operano per consolidare lo spazio urbano, interiorizzandolo e rendendone visibili le gerarchie; tecniche che lavorano per continuità tipologica e che riproducono le densità dell'esistente; tecniche che si rifanno ad una lettura epistemologica del contesto, appoggiandosi alle sue forme e alle sue stratificazioni e ai frammenti delle città. [...] Nel caso di operare per connessioni e articolazioni, l'interpretazione del luogo si appoggia alla sua fisicità, alla sua organizzazione, e ad una condizione del presente; nel caso dell'operare attraverso una lettura del contesto, l'interpretazione del luogo si appoggia alla sua storia e alla sua cultura, ed ai suoi significati più radicati*”.

<sup>5</sup> No original: “*La Storicità dell'architettura non solo come consapevolezza del proprio passato, ossia del rapporto tra progetto e tradizione dell'architettura, ma innanzitutto considerando l'architettura stessa come una materia storica. [...] L'architettura è materia di storia come documento per altre discipline ed inoltre ha assunto nel suo prodursi il compito di testimoniare l'avvenimento storico*”.

<sup>6</sup> No original: “*che tendono a spiegare e a definire processo ed attività prima e fuori dalle opere stesse*”.

<sup>7</sup> No original: *evoluzione storica di due concetti, i nessi con il pensiero che li ha generati e sviluppati, le relazioni dialettiche con altri sistemi organizzativi della lettura artistica e [...] con altre discipline*”.

<sup>8</sup> No original: “*una presa di coscienza, un terreno que dobbiamo attraversare per giungere alla struttura delle cose, per arrivare a tocarle, ma que é necessário deixar al momento de transformar as coisas*”.

<sup>9</sup> No original: “sia che noi ci proponiamo di progettare una sedia, una scuola, una città o un insieme territoriale noi ci confrontiamo [inevitabilmente] con la storia [...], disponiamo la nuova cosa in un contesto in cui tutti gli strati di storia sono tutti presenti nella forma in cui esso contesto ci appare al momento dell'azione”.

<sup>10</sup> No original: “ci sostiene e che ci lascia liberi nella direzione che possiamo scegliere e nelle responsabilità che tale scelta implica”.

<sup>11</sup> No original: “del terreno della storia su cui si deve costruire, [conoscenza che però] ci lascia liberi sulla direzione da prendere”.

<sup>12</sup> No original: “l'analisi storica interessa per osservare il cambiamento. Bisogna leggere il cambiamento e poi dedurre da questa lettura del cambiamento un giudizio positivo o negativo sui diversi elementi; quali sono i rischi e quali le possibilità”.

<sup>13</sup> No original: “leitura e constituição da distância crítica que nos separa do contexto: a maneira arquitetônica de ser dessa distância é a qualidade do projeto arquitetônico. [...] Essa qualidade é, portanto, a forma do novo contexto, ou seja, o modo de ser de um novo diálogo”.

<sup>14</sup> Os principais planos elaborados pelo studio Gregotti Associati de 1963 a 2007 são: *Piano Regolatore Generale Novara* (1963); *Quartiere residenziale per 20.000 abitanti - ZEN Palermo* (1969-1973); *Piano per il nuovo centro urbano Gibellina* (Trapani) (1971); *Piano Regolatore Generale Scandicci* (Firenze) (1982-1986); *Piano Regolatore Generale Arezzo* (1984-1987); *Piano Regolatore Generale Darfo Boario Terme* (Brescia) (1987-1992); *Piano Regolatore Generale Sesto San Giovanni* (Milano) (1987-1994); *Piano Regolatore Generale Torino* (1987-1995); *Piano per una nuova città di 150.000 abitanti Ucraina* (1992-1993); *Piano Regolatore Generale Cameri* (Novara) (1992-1995); *Piano Regolatore Generale Livorno* (1992-1999); *Piano Regolatore Generale Asiago* (Vicenza) (1993-1995); *Piano Regolatore Generale Pavia* (1995-2001); *Piano Regolatore Portuale di Savona-Vado* (1998-2001); *Piano per la sistemazione dell'area Cartiere-centro storico Tivoli* (Roma) (1995-2007); *Piano Regolatore Generale Gorizia* (1996-2001); *Piano Regolatore Generale Ghemme* (Novara) (1997-2000); *Piano per una nuova città di 100.000 abitanti Jiangwang* (Shanghai) (2001-2002) (fig. 9); *Piano Regolatore Generale Avellino* (2001-2003); *Piano per una nuova città di 100.000 abitanti Pujiang* (Shanghai) (2001-2007).

<sup>15</sup> No original: “una struttura di pensiero intrinsecamente contraddittoria: da un lato si presenta come controllo del futuro, riordino e riorganizzazione in funzione di uno sviluppo, sforzo di programmare la previsione, dall'altro come ipotesi, predizione, distacco dal presente, scelta e interpretazione particolare dell'interesse collettivo. Spesso in questi tempi di cambiamenti attivi e disordinati, teoricamente aperti ad ogni iniziativa, modellati sui comportamenti del mercato e della comunicazione, al concetto di programmazione si oppone quello di flessibile opportunità; la scarsa autorità delle regole collettive e della loro morale, così come di grandi orizzonti ideali, renderebbe quindi precario l'aspetto predittivo del piano. Per il verso opposto le qualità durevoli (fisicamente e morfologicamente) degli effetti fisici di un piano sembrano scivolare poi sulle ragioni stesse della propria costituzione per costruire identità e riferimenti capaci di assumere nuovi significati per il futuro piano”.

<sup>16</sup> No original: “è possibile descrivere due modelli fondamentali di collocazione del planner come specialista della localizzazione nel contesto della pianificazione territoriale, una volta fissati a livello politico alcuni obiettivi o interrogativi generali: un primo modello presenta il planner come colui che assume le decisioni delle varie discipline che intervengono nella pianificazione e trasforma questi risultati in un piano di localizzazioni fisiche; un secondo modello comporta la collaborazione del planner-designer sullo stesso piano degli altri contributi specialistici attribuendogli proprie conclusioni da offrire alla strutturazione interdisciplinare che avviene così per successive approssimazioni e verifiche di ciascuno specialista di tutto l'insieme del materiale”.

<sup>17</sup> No original: “il tema del colloquio fra geografia e segno architettonico fa la sua comparsa [...] un salto di scala, che coinvolge un'intera metodologia di progettazione e le poetiche a questa sottese”.

<sup>18</sup> No original: “Gregotti riversa sulla scala geografica “il suo combattuto rapporto con la storia. La modernità [...] procede a una ‘radicale revisione del tempo storico’, in cui i ‘fenomeni si appiattiscono in un concreto formale dentro cui si deve operare per scavo, annidandosi sino a forare lo spesso strato delle cose e degli eventi verso una nuova condizione di conoscenza’. [...] Ciò significa leggere il territorio [...] come struttura archeologica, che non chiede tuttavia né ‘restauri né ‘completamenti”.

<sup>19</sup> No original: “fra i pochi attrezzati a rispondere ai problemi posti dalle nuove tematiche emergenti da città e territori in trasformazione”.

<sup>20</sup> No original: “riinventare ruoli disciplinari in grado di competere con la complessità dei nuovi demands”.

<sup>21</sup> No original: “L’esigenza di controllare la grande scala con organismi unitari e ad alto grado di competere con la complessità dei nuovi compiti”.

<sup>22</sup> No original: “esigenza di controllare la grande scala con organismi unitari e ad alto grado di legittimità”, che aveva caratterizzato i progetti per l’Università di Cosenza e per il quartiere Zen”.

<sup>23</sup> No original: “troppi progetti, forse, escono dallo studio Gregotti Associati; viene da chiedersi quanto sarebbe meglio impegnata l’intelligenza architettonica qui concentrata se posta di fronte a una sola grande responsabilità”, con garanzie di realizzazione concreta nel medio periodo”.

## REFERÊNCIAS

- BRANDOLINI, Sebastiano; CROSET, Pierre-Alain. Strategie della modificazione 2. *Casabella*, Roma, n. 498-499, p. 43-44, 1984.
- CACCIARI, Massimo. Il maestro che si fece avanguardia senza ideologia. *Jornal La Repubblica*, Roma, 15 mar. 2020, Primo piano, p. 17.
- GREGOTTI, Vittorio. *Il territorio dell’architettura*. Milano: Feltrinelli, 1966.
- GREGOTTI, Vittorio. *Território da arquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- GREGOTTI, Vittorio. Modificação. *Casabella*, Milano, n. 498-499, p. 2-7, 1984.
- GREGOTTI, Vittorio. *Le scarpe di Van Gogh: modificazione nell’architettura*. Torino: Einaudi Contemporanea, 1994.
- GREGOTTI, Vittorio. *Architettura e postmetropoli*. Torino: Einaudi, 2011.
- GREGOTTI, Vittorio. *Il possibile necessario*. Milano: Bompiani, 2014.
- GREGOTTI, Vittorio. *Il territorio dell’architettura*. Milano: Feltrinelli, 2014. (Edição original: 1966).
- PALERMO, Pier Carlo. *Trasformazioni e governo del territorio: introduzione critica*. Milano: Franco Angeli, 2004.
- ROSSI, Aldo. *L’architettura della città*. Padova: Marsilio, 1966.
- TAFURI, Manfredo. *Vittorio Gregotti: Progetti e architetture*. Milano: Electa, 1982.
- VENTURI, Robert. *Complexity and Contradiction in Architecture*. Hempstead: Doubleday, 1966.

pós- 13

### Nota do Editor

Data de submissão: 25/03/2020

Aprovação: 02/04/2020

Revisão: Tikinet

---

### Adalberto da Silva Retto Junior

Universidade Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Campus de Bauru. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa - 17033-360 - Bauru - SP.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3473-7097>

a.retto@unesp.br